

“CÉU COMO BRONZE E TERRA COMO FERRO” (Dt 28,23)

Ecologia no Livro do Deuteronômio

Pedro Kramer

Resumo

O estudo sobre a ecologia no Deuteronômio contém duas partes. A primeira refere-se às questões preliminares a respeito do livro do Deuteronômio, como seu nome, sua composição, sua origem e seu processo de formação. A segunda parte concentra-se na análise de dois textos significativos que versam sobre a temática da ecologia. Um deles é Dt 28,1-68. Em Dt 28,1-14, seu redator elenca uma série de bênçãos para os e as israelitas quando suas relações com Deus, com os seres humanos e com o restante da criação forem harmoniosas, justas e humanas. Se estas, no entanto, forem rompidas, então, virá sobre os e as israelitas uma ladainha interminável de maldições, pondo em risco sua sobrevivência no seu país. O texto Dt 20,19-20 proíbe terminantemente o barbarismo e o vandalismo bélico, muitas vezes aplicado aos bens e à população dos vencidos.

Palavras-chave: Bênção-maldição. Ecologia. Deuteronômio. Tratado de vassalagem. Contexto histórico.

Abstract

The study on the ecology in Deuteronomy contains two parts. The first refers to the preliminary questions about the book of Deuteronomy, as its name, its composition, its origin and its process of formation. The second part focuses on the analysis of two significant texts that deal on the subject of ecology. One of them is Dt 28.1-68. In Dt 28.1-14, the editor lists a series of blessings for the Israelites when their relationships with God, with humans and with the rest of creation are harmonious, just and humane. If these however are broken, then will come over the Israelites a never-ending litany of curses, endangering their survival in their country. The text of Dt 20.19-20 prohibits strictly the barbarism

and vandalism of war, often applied to goods and to the population of the vanquished.

Keywords: *Blessing-curse. Ecology. Deuteronomy. Treaty of vassalage. Historical context.*

Introdução

Lendo o livro do Deuteronômio, sob a ótica da ecologia, salta logo aos olhos a convicção de que o assunto da ecologia não é central neste livro. Em alguns capítulos deste livro, no entanto, alude-se à realidade ecológica porque no Deuteronômio se fala da terra abençoada e da terra maldita, do abate indiscriminado de árvores, de pessoas sem terra e de repartição justa da terra. A passagem Dt 28,23 chega até a afirmar que *o céu sobre a tua cabeça ficará como bronze e a terra debaixo de ti como ferro*. Que maldição terrível! A causa desta descrição aterradora é a maldade do ser humano e a sua não observância das leis fundamentais de Deus. No versículo seguinte fala-se da chuva: *a chuva da tua terra se transformará em cinza e pó, que descera do céu sobre ti até que fiques em ruínas* (Dt 28,24). Estas imagens são apavorantes e metem medo. Como é que alguém conseguiu criar e usar essas imagens no século VII aC para o céu, a terra e a chuva? Fala ele de experiência pessoal? Quem é o causador de tudo isto? É Deus que vai transformar o céu em bronze, a terra em ferro e a chuva em cinza e pó? Ou tudo isto pode ser provocado pelo ser humano por causa do desmatamento indiscriminado, da poluição das águas, do uso irresponsável de venenos, da destruição da biodiversidade, provocando maldição em cima de maldição para todo o gênero humano?

Tudo isto se compreenderá melhor se a pessoa se familiarizar mais com o livro do Deuteronômio como ele atualmente se encontra nas nossas Bíblias. Depois da abordagem dos vários aspectos do livro do Deuteronômio, vamos analisar alguns textos que tratam do tema da ecologia. O estudo sobre a ecologia no livro do Deuteronômio será finalizado com algumas conclusões.

1. Questões introdutórias ao livro do Deuteronômio

Com este título visa-se tornar o livro do Deuteronômio mais conhecido. Em vista disso, procura-se explicar o significado do nome deste livro bem como sua estrutura atual em nossas Bíblias. Além disso, quer-se descobrir quando esse livro começou a existir e qual foi seu processo de formação. O conhecimento das questões introdutórias ao livro do Deuteronômio ajuda a entender melhor os textos e a descobrir com mais exatidão a sua mensagem para os endereçados de ontem e de hoje.

1.1 Qual é o significado do termo ‘Deuteronômio’?

O nome ‘Deuteronômio’ do quinto livro de Moisés está baseado em Dt 17,18 (Js 8,32). Aqui se prescreve que o rei deverá providenciar uma ‘cópia da Lei’ para seu uso pessoal. O termo ‘Deuteronômio’, então, não significa ‘segunda lei’, mas o segundo exemplar da mesma lei, portanto, ‘cópia da lei’.

Esse livro é uma narração que descreve os acontecimentos dos israelitas desde o dia da saída do Egito (Dt 1,3) até a morte de Moisés no monte Nebo (Dt 32,48-50; 34,5-8). Moisés, antes de morrer no dia primeiro de novembro do ano 40 após o êxodo dos hebreus do Egito, narra tudo o que aconteceu durante a caminhada pelo deserto e passa adiante a Lei de Deus aos israelitas. A reunião dos israelitas, convocada por Moisés em Dt 5,1, prossegue em Dt 29,1.

O pronunciamento feito por Moisés no dia de sua morte, com sua despedida e seu testamento, se divide em quatro partes. Cada parte tem um título próprio. O primeiro título do primeiro discurso é: *São estas as palavras que Moisés dirigiu a todo Israel no outro lado do Jordão* (Dt 1,1). As *palavras* de Moisés são seu discurso em Dt 1,2–4,40. Aqui se faz um retrospecto da caminhada do grupo de Moisés desde o monte Horeb até Moab. O segundo discurso de Moisés é assim intitulado: *Esta é a Lei que Moisés promulgou para os israelitas* (Dt 4,44). Este discurso, tendo como conteúdo central a *Lei* de Deus, é muito longo (Dt 4,44–28,68). Ele contém os Dez Mandamentos em Dt 5,1-33. Depois, em Dt 6–11, encontra-se uma detalhada exortação à observância do mandamento principal do decálogo que é a veneração única e exclusiva de *Iahweh*. Em Dt 12–28 são elencadas as leis complementares do decálogo com bênção e maldição, como consequência da sua observância ou da sua rejeição. O título do terceiro discurso é: *São estas as palavras da Aliança que Iahweh mandara Moisés concluir com os israelitas na terra de Moab* (Dt 28,69). O termo central desse discurso é *Aliança*. Nesse discurso Moisés descreve a renovação da Aliança em Moab, realizada antes no monte Horeb, bem como sua substituição por Josué e finaliza com seu cântico (Dt 29–32). O último discurso é bem curto e apresenta Moisés abençoando os israelitas: *Esta é a bênção com que Moisés abençoou os israelitas, antes de morrer* (Dt 33,1-29). A palavra-chave desta parte é *bênção*.

1.2 Origem e processo de formação do livro do Deuteronômio

O livro do Deuteronômio pode ser comparado com um rio com muitos afluentes. Calcula-se que, entre a sua origem e a sua forma atual em nossas Bíblias, se passaram uns trezentos anos. O primeiro sinal de vida do Deuteronômio é provavelmente a centralização das leis litúrgicas em Ex 34,10-26 no templo de Jerusalém. Da existência do Deuteronômio pode-se, então, falar quando Deus *Iahweh* foi única e exclusivamente venerado no santuário central de Jerusalém. De agora em diante, os israelitas somente poderão oferecer seus holocaustos e

seus sacrifícios de comunhão, suas ovelhas e seus bois a *Iahweh* no templo de Jerusalém e não mais em qualquer lugar ou qualquer santuário conforme ordena a ‘lei do altar’ em Ex 20,24. O Deuteronômio, portanto, nasceu quando a realização de toda a liturgia foi única e exclusivamente limitada no lugar escolhido por *Iahweh* que é o templo de Jerusalém. Em vista disso, o Deuteronômio está perpassado por leis que centralizam todo o culto, devido a *Iahweh*, no templo de Jerusalém. Eis alguns exemplos: Dt 12,4-7.8-12.13-19.20-28; 14,22-27; 15,19-23; 16,1-8.9-12.13-15.16-17; 17,8-13; 18,1-8; 26,1-11; 31,9-13.

Qual é o contexto histórico que favoreceu a origem do Deuteronômio? O pano de fundo histórico propício para o nascimento deste livro só pode ser o tempo de governo do rei Ezequias de Judá (725-696 aC). Durante seu reinado, o rei Senaquerib da Assíria conquistou 46 cidades fortificadas de Judá. Só sobrou para Ezequias a cidade de Jerusalém. A capital era, em 701 aC, o único espaço de autonomia e de liberdade do rei Ezequias (2Rs 18,13-16). Nos Anais de Senaquerib encontra-se a informação de que o rei assírio deixou Ezequias em Jerusalém como um ‘pássaro na gaiola’. O profeta Isaías refere-se a essa mesma situação e afirma que Jerusalém *foi deixada só como choça em vinha, como telheiro em pepinal, como cidade sitiada* (Is 1,8). Nesta situação é evidente que todas as coisas e o culto serão centralizados em Jerusalém.

a) O rei Ezequias, nesta situação histórica, não tinha outra alternativa a não ser centralizar todas as leis litúrgicas de Ex 34,10-26 no templo de Jerusalém. Além disso, diz-se de Ezequias, em 2Rs 18,4.22, que ele, em base a Ex 34,10-26, realizou a reforma da liturgia, combatendo a idolatria no Reino de Judá. A historicidade desta ação de Ezequias é confirmada pela arqueologia. Porque a destruição do santuário de *Iahweh* em Arad e o afastamento do altar de chifres em Bersabeia só podem ser situados historicamente no final do século VIII ou no início do século VII aC.

É igualmente atribuída a Ezequias a fortificação de algumas cidades do Reino do Sul, onde a população poderia se proteger diante da invasão do exército assírio. Isto teve como consequência o abandono dos locais rurais de culto e o rompimento com a memória dos antepassados. É também obra de Ezequias a ampliação do muro de Jerusalém para acolher os israelitas do Reino do Norte que fugiram para o Reino de Judá e para Jerusalém quando Samaria foi destruída em 722 aC pelos assírios.

b) Durante o governo dos reis Manassés (696-642 aC) e Amon (642-640 aC) a idolatria foi favorecida e voltou a estar presente em todo o território israelita (2Rs 21,1-26). Neste tempo o Deuteronômio original foi abandonado, esquecido e até se perdeu.

c) Quando o rei Josias (640-609 aC) começou a governar, ele realizou em 622 aC uma grande reforma religiosa. Ela iniciou com a restauração do templo e do culto único e exclusivo a *Iahweh*. A ação do rei recebeu um grande impulso

com o encontro de um rolo no templo, chamado de ‘Livro da Lei’, cujo início era provavelmente o texto Dt 6,4-5. Este rolo, encontrado no templo, foi identificado com o Deuteronômio original do tempo do rei Ezequias (2Rs 22,3-20). Então, em base ao Deuteronômio original, o rei Josias convocou toda a população israelita para, com ele, renovar a opção única e exclusiva por *Iahweh*. Esta nova opção por *Iahweh* era a declaração da independência da Assíria em termos religiosos, políticos, econômicos e sociais (2Rs 23,1-3). A renovação da aliança do povo de Israel com *Iahweh* foi realizada conforme os moldes dos tratados de vassalagem assírios. Um pacto de vassalagem, com juramento público e solene dos reis vassalados ao grão-rei assírio, foi realizado concretamente pelo rei assírio Asaradon (680-669 aC) no ano de 672 aC, do qual o rei Manassés de Judá devia ter participado. Em vista disso, é muito provável que uma cópia desse tratado de vassalagem estivesse guardada em Jerusalém. A reopção por *Iahweh* foi ratificada pela celebração da páscoa (2Rs 23,21-23). Esta comemoração relembra a libertação da escravidão egípcia. Assim o juramento de fidelidade a *Iahweh* foi selado nos moldes como os reis vassalados juravam lealdade ao rei assírio. O Deuteronômio original certamente recebeu leis sociais, tornando-se assim a constituição do Reino de Judá durante o governo do rei Josias.

d) Além do documento da aliança, escrito no tempo do rei Josias e presente em 2Rs 22,3-20; 23,1-3.21-23, que foi utilizado para renovar a aliança do povo de Israel com *Iahweh*, surgiu, neste mesmo tempo, um outro documento chamado de ‘narração da ocupação da terra prometida’, presente em Dt 1-3; 29-34; Js 1-22. A descrição da ocupação da terra de Canaã pelas tribos de Israel em Js 1-22 foi agora, de tal modo redigida, para que pudesse legitimar e fundamentar a ocupação do território do Reino do Norte, que no momento era uma província assíria. E que, além disso, ela pudesse atrair os israelitas do norte à opção única e exclusiva por *Iahweh*, segundo o Deuteronômio original¹. No mesmo espírito e mentalidade surgiram o livro dos Juízes e as várias edições dos livros atribuídos a Samuel e aos Reis, formando assim com o Pentateuco uma espécie de Eneateuco.

Os exegetas N. Lohfink e G. Braulik são da opinião de que o documento, contendo a narração da ocupação da terra prometida, se encaixa muito bem com o tempo de governo do rei Josias, porque nesta época a Assíria estava decadente e não conseguia mais manter seu domínio sobre os povos vassalados. Por isso, para motivar e fundamentar a ação política do rei Josias, a narração da ocupação da terra de Canaã pelas tribos israelitas foi de tal modo redigida que pudesse também servir de suporte e de legitimação para reocupar o território do Reino do Norte. Este, nesta época, era uma província dos assírios e assim dominado por eles.

1. A “narração da ocupação da terra prometida” é designada no alemão pelos exegetas Norbert Lohfink e Georg Braulik de ‘*Die joschijanische Landeroberungserzaehlung*’, cf. BRAULIK, Georg. “Das Buch Deuteronomium”, In: Erich Zenger, *Einleitung in das Alte Testament*, 8ª. edição, Stuttgart: Verlag Kohlhammer, 2012, p. 174-175.249-250.

Os mesmos biblistas consideram o documento, contendo a narração da ocupação da terra prometida pelas tribos israelitas, uma ponte com o Tetrateuco, isto é, os livros do Gênesis, Êxodo, Levítico e Números, formando assim, com o livro do Deuterônomo, um Hexateuco. Isto porque esse documento se encontra basicamente em Dt 1–Js 22. E, além disso, Dt 1–3 é um resumo de Nm 13–14, a descrição dos que foram conhecer o país de Canaã. Este mesmo documento, presente em Dt 1–Js 22, influenciou, por meio da terminologia e da teologia, os livros atribuídos a Samuel e aos Reis. Assim o Tetrateuco, mais os livros do Deuterônomo, de Josué, dos Juízes, de Samuel e dos Reis, formam uma espécie de Eneateuco.

e) Os sucessores do rei Josias, no entanto, não pautaram a política de seus governos de acordo com o Deuterônomo original. Estas atitudes dos reis, talvez, aceleraram os fatos tristes dos anos 597 e 587 aC, como a destruição de Jerusalém e do templo e a deportação de vários grupos de israelitas para a Babilônia. Os teólogos deuteronomistas atribuíram a culpa do exílio aos israelitas porque eles não foram fiéis a *Iahweh*, adorando outras divindades. Esta tomada de consciência dos israelitas durante o exílio na Babilônia encontra-se no texto Dt 29,21-27.

O Deuterônomo original vai receber, durante o exílio babilônico, várias adições: Dt 4,1-40; 7-9; 29-30. A ele foi também acrescentado o esboço de um regime democrático de governo com a divisão do poder entre juízes, reis, sacerdotes e profetas em Dt 16,18-18,22. A ele foram igualmente juntados vários tipos de leis como as que agora se encontram nesses capítulos em Dt 15,19-25. Várias dessas leis são releituras do Código da Aliança em Ex 20,22-23,19 e da Lei da Santidade em Lv 17-26. Nesse estágio de crescimento do livro do Deuterônomo, os seus três blocos legais, Dt 12,2-16,17; 16,18-18,22; 19,1-25,16 se tornam as leis complementares dos Dez Mandamentos da Lei de Deus. Com mais algumas adições na época pós-exílica, como Dt 27, o livro do Deuterônomo se tornou a constituição do povo de Israel no seu país, no período pós-exílico em torno do reconstruído templo de *Iahweh*.

2 Análise de textos ecológicos no livro do Deuterônomo

A descrição sintética do processo de origem e de composição do livro do Deuterônomo tornou-se necessária, porque assim podemos situar melhor na história os vários textos que se referem à ecologia no Deuterônomo. Alguns deles são de difícil compreensão e interpretação. Eles figuram entre os assim chamados textos ‘obscuros’ do Antigo e Novo Testamento. O Papa Bento XVI, no seu Documento ‘*Verbum Domini*’, fala das páginas ‘obscuras’ “que às vezes se apresentam obscuras e difíceis por causa da violência e imoralidade nelas referidas”. Ele concretiza essa sua observação, afirmando que “A revelação adapta-se ao nível cultural e moral de épocas antigas, referindo conseqüentemente fatos e usos como, por exemplo, manobras fraudulentas, intervenções violentas, extermínio

de populações, sem denunciar explicitamente a sua imoralidade”². Será que existe em toda a Bíblia um texto mais ameaçador e destruidor que Dt 28,1-68?

2.1 Elementos ecológicos em Dt 28,1-68

O texto Dt 28,1-68 se compõe basicamente de duas partes: A primeira, Dt 28,1-14, contém uma série de bênçãos para os e as israelitas que observarem os mandamentos da Lei de Deus em Dt 5,6-22 e suas leis complementares em Dt 12-26. A segunda parte, Dt 28,15-68, é formada por uma ladainha interminável de maldições para os e as israelitas que não obedecerem à voz de *Iahweh* e não praticarem o decálogo em 5,6-22 e seus estatutos em 12-26. As bênçãos e maldições em 28,1-68 são a parte final do Código Deuteronomico.

A estrutura e a composição deste código se assemelham muito aos códigos legais do antigo Oriente Médio, como o Código de Hamurabi ou os textos legais de tratados entre um suserano e seus reis vassalos. Estes documentos legais sempre concluem seu conjunto de leis com uma série de maldições para os casos em que os súditos ou os reis vassalos não cumprirem com as suas obrigações assumidas, sob a forma de juramento. A desobediência às leis e o rompimento do compromisso assumido, sob a forma de juramento de lealdade, atrairiam as maldições contidas nos códigos legais e nos textos de tratado entre um grão-rei e seus reis vassalos ou súditos.

O Código Deuteronomico espelha uma pequena diferença entre ele mesmo e os códigos legais bem como os tratados de vassalagem do antigo Oriente Médio. Enquanto que estes quase nunca contêm bênçãos para os que forem fiéis na observância das leis e das obrigações assumidas, o Código Deuteronomico elenca uma lista de bênçãos para os que obedecerem à voz de *Iahweh* e cuidarem de pôr em prática todos os seus mandamentos. O número das maldições, no entanto, é três vezes maior que o número das bênçãos. A proporção desigual entre bênçãos e maldições deve-se ao fato de que a unidade original, Dt 28,1-46, foi ampliada pelas maldições em Dt 28,47-68 na época do exílio dos israelitas na Babilônia e também depois do exílio.

2.1.1 Bênção e maldição: uma composição bem planejada

Do ponto de vista do estilo, a unidade das bênçãos (28,1-14) e o conjunto das maldições (28,15-44) contêm várias semelhanças nas suas composições. Estas podem primeiramente ser percebidas nas frases quase iguais no condicional, tanto em 28,1-2 e 28,13 como em 28,15 e 28,45: *se obedeceres* (ou, *se não obede-*

2. EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL, *VERBUM DOMINI*, do Papa Bento XVI, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja, n. 42.

ceres) à voz de Iahweh teu Deus, cuidando de pôr em prática todos os seus mandamentos que eu hoje te ordeno. Esta frase no condicional é quase idêntica tanto na moldura do texto das bênçãos como na moldura do texto das maldições. Além disso, a formulação das bênçãos em 28,7-8 e das maldições em 28,20-25 bem como o conteúdo da bênção em 28,12-13 e da maldição em 28,43-44 se corresponde. Há ainda correspondências entre a bênção do povo de Israel em 28,9-10 e sua maldição em 28,25-26 bem como entre a bênção da fecundidade, causada pela chuva, em 28,11-12 e a maldição, provocada pela seca, em 28,23-24. E, enfim, há igualmente uma relação entre o formulário de bênçãos, onde o termo ‘bendito’ é seis vezes repetido (28,3-6) e o formulário das maldições, onde a palavra ‘maldito’ é igualmente seis vezes repetida (28,16-19)³.

2.1.2 A coleção de maldições em Dt 28: Influência dos tratados de vassalagem

A coleção de maldições em 28,20-44 foi objeto de pesquisa por vários estudiosos. Dois deles chegaram à conclusão de que as maldições elencadas em 28,20-44 se encontram listadas num documento legal dos assírios, chamado de “Tratado de Vassalagem de Asaradon”⁴.

Um deles é o exegeta H.U. Steymans⁵. Ele realizou um estudo comparativo entre o texto do tratado de vassalagem de Asaradon e Dt 28,20-44 e chegou à seguinte conclusão: “Quase cada versículo de Dt 28,20-44 pode ser confrontado com um paralelo dos VTE §56”⁶. O outro estudioso é o biblista G. Braulik. Ele é da mesma opinião que o pesquisador anterior. Ele afirma: “O mundo das imagens e a sequência dos castigos apontados em Dt 28,25-35 concordam amplamente com um grupo de sanções de maldições nos tratados que regulamentam a sucessão ao trono do rei assírio Asaradon (681-669 a.C)”⁷.

Para esses dois estudiosos, o legislador deuteronomico, com quase toda a certeza, assumiu as maldições presentes no tratado de vassalagem do rei assírio Asaradon ao compor Dt 28. As maldições que as divindades assírias aplicariam para os reis vassalos e súditos infiéis, o legislador deuteronomico transferiu para o Deus *Iahweh*. Assim a divindade assíria Sin, lua, no caso de rompimento do tratado de vassalagem por um rei súdito, vai provocar a maldição da lepra (28,27)

3. BRAULIK, Georg. *Deuteronomium 16,18-34,12*. Wuerzburg: Echter, 1992. p. 204-205.

4. Este tratado é chamado em inglês de “Vassal-Treaties of Esarhaddon”. Daí vem a abreviação VTE usada pelos pesquisadores.

5. STEYMANS, Hans Ulrich. “Eine assyrische Vorlage für Deuteronomium 28,20-44”. In BRAULIK, Georg. (Org.). *Bundesdokument und Gesetz, Studien zum Deuteronomium*. Freiburg; Basel; Wien; Barcelona; Roma; New York: Herder, 1995, p. 119-141.

6. *Ibidem*, p. 140.

7. BRAULIK, Op. cit., p. 206.

e da cegueira (28,28). O deus sol, Shamash, vai ocasionar ao rei vassalo infiel a maldição da escuridão (28,29). O deus da guerra, Ninurta, vai aplicar ao rei vassalo rebelde a maldição da derrota (28,25-26). A deusa Vênus vai causar ao rei súdito desleal a maldição de vários insucessos (28,30). E, por fim, a deusa Gula, a esposa de Ninurta, vai provocar no rei vassalo infiel a loucura e úlceras malignas em todo o corpo (28,34-35).

Se, portanto, o redator bíblico transcreveu as maldições do tratado de vassalagem de Asaradon em 28,20-44, então, pode-se perguntar pela data quando o texto do tratado de vassalagem foi escrito. A resposta a essa pergunta nos proporciona saber quando o redator deuteronomico criou a lista das maldições em 28,20-44, aplicadas pelo Deus *Iahweh* aos israelitas infiéis. Um tratado de vassalagem, com inúmeras maldições para os casos de infidelidade de reis vassalos e de súditos, já devia ter existido no ano de 672 aC. Porque neste ano o rei assírio Asaradon (681-669 aC) convocou todos os reis vassalos para a capital da Assíria e os submeteu a um juramento solene de fidelidade a ele, em base a um tratado de vassalagem. Este continha uma lista de maldições para os vassalos infiéis e rebeldes. Uma cópia desse tratado de vassalagem devia estar em Jerusalém, porque o rei Manassés (696-642 aC), do Reino de Judá, foi provavelmente um desses reis vassalos que prometeu fidelidade sob juramento ao rei assírio Asaradon. Em vista disso, o texto das maldições do tratado de vassalagem assíria foi traduzido para o hebraico e agora estão presentes Dt 28,20-44.

Há, no entanto, também a data de 597 aC, na qual o rei Nabucodonosor da Babilônia concluiu um acordo com o rei Sedecias do Reino de Judá, em base a um juramento. O profeta Ezequiel testemunha: *Entre os descendentes da casa real tomou um e fez aliança com ele, obrigando-o a prestar juramento* (Ez 17,13). Em Ez 17,19-21 o profeta elenca uma série de maldições que cairão sobre Sedecias no caso de sua infidelidade aos compromissos assumidos em forma de juramento. Se, porventura, o redator deuteronomico usou esse texto do acordo entre Nabucodonosor e Sedecias para compor as maldições em 28,20-44, então, este texto do Deuteronomio surgiu no início do século VI aC.

O texto das maldições em 28,20-44, portanto, surgiu entre os anos 672 e 597 aC. A primeira data, no entanto, é a mais provável. Neste período governaram no Reino de Judá os reis Manassés, Amon, Josias, Joacaz, Joaquim e Sedecias que tinham conhecimento da existência de textos de tratado de vassalagem, através dos quais os reis vassalos juravam fidelidade aos respectivos suseranos da Mesopotâmia. Eles sabiam que, em caso de infidelidade e de rebeldia, cairiam sobre eles uma série de sanções em forma de maldições⁸.

8. STEYMANS, H.U. Op. cit., p. 140-141.

2.1.3 Deus Iahweh: Causador de maldições?

Quando se lê o texto 28,20-68, contendo tantas e tão terríveis maldições, a pessoa inevitavelmente começa a se perguntar: Quem é que conseguiu imaginar e descrever tantas situações de mal para alguém que se tornou infiel a um compromisso de submissão, assumido em forma de juramento? As maldições são tão amplas e tão catastróficas que não têm proporção com a infidelidade de um rei vassalo ao grão-rei, por mais traidora e traiçoeira que ela seja. E, além do mais, surpreende qualquer ser humano o fato de os deuses e as deusas da Mesopotâmia serem capazes de causar tanto mal, tanta dor, tanta destruição. Isto até poderia ser tolerável. Mas, atribuir ao Deus *Iahweh* tantas e tamanhas maldições para os e as israelitas infiéis a ele e aos seus mandamentos é inacreditável e impossível. Porque, como pode ele, um Deus libertador da escravidão egípcia e o criador amoroso de tudo o que existe, ser o causador desta terrível maldição em 28,23-24: *O céu sobre a tua cabeça ficará como bronze, e a terra debaixo de ti como ferro. Iahweh transformará a chuva da tua terra em cinza e pó, que descerá do céu sobre ti até que fiques em ruínas.* Ora, se isto acontecer, então, o Deus *Iahweh* não só vai amaldiçoar os e as israelitas infiéis, mas também aqueles e aquelas que lhe são fiéis e que seguem a sua voz, cuidando de pôr em prática todos os seus mandamentos. Se a maldição de 28,23-24, de fato, for aplicada aos israelitas infiéis e rebeldes, então a vida humana e a de qualquer ser vivo serão extintas. E, além disso, se esta maldição for aplicada, então as demais se tornarão supérfluas, porque Deus acaba, com ela, toda e qualquer sobrevivência de um ser criado. Mas, por outro lado, pelo que se conhece de tantas passagens do Antigo Testamento, o Deus *Iahweh* jamais vai destruir o que ele tão amorosamente criou, porque ele mesmo vai transformar a criação em novo céu e nova terra.

Então, por que o legislador deuteronômico copiou as maldições do tratado de vassalagem de Asaradon e as reproduziu em 28,20-44? Qual era sua finalidade e seu objetivo ao concluir o Código Deuteronômico (5,6-22 e 12-26) com maldições tão negativas, tão maléficas e tão destruidoras em 28,20-44, para assim punir os e as israelitas infiéis aos seus mandamentos e às suas leis? As mesmas perguntas podem ser feitas ao redator que, mais tarde, talvez na época exílica ou pós-exílica, acrescentou a lista de maldições em 28,47-68.

As perguntas acima só podem ter esta resposta: Os redatores bíblicos tinham apenas em mente este único e grande objetivo, com suas inúmeras catástrofes e maldições: mover e motivar todos os e todas as israelitas a ser sempre única e exclusivamente fiéis a *Iahweh*, ouvindo sempre a sua voz e cuidando de pôr sempre em prática os seus mandamentos e as suas leis (28,1). As maldições em 28,20-68 têm, então, claramente uma finalidade pedagógica e didática. Isto é, elas querem mostrar e ensinar que a infidelidade a *Iahweh* e ao decálogo com suas leis complementares provoca e gera a morte do povo de Israel. E, por outro lado, o seguimento fiel a *Iahweh*, através da observância dos seus mandamentos e das suas leis, provoca e gera a vida em abundância: *Eis que hoje estou colocando diante de*

ti a vida e a felicidade, a morte e a infelicidade (Dt 30,15-20). Assim, a ameaça com tantas e tão variadas maldições visava apenas a convocar todos os e todas as israelitas a serem única e exclusivamente fiéis a *Iahweh* e a seus mandamentos.

2.2 Ecologia e vandalismo bélico em Dt 20,19-20

Um texto que revela preocupação ecológica e solicitude pela biodiversidade é Dt 20,19-20. Esta prescrição em defesa da ecologia encontra-se no contexto da guerra ofensiva do exército de Israel. A guerra era e é uma das grandes causas da destruição de árvores, plantas, animais e pessoas. Ela é uma terrível agressão à ecologia. Porque vandalismo bélico era frequentemente aplicado ao território e à população do povo vencido. Os exércitos egípcios e assírios eram famosos pelo derramamento de sua fúria bestial e selvagem contra as populações vencidas e contra os seus bens. Há infelizmente muitos textos e gravuras em pedras que testemunham todo esse barbarismo praticado contra pessoas e os povos fracos e vencidos.

Exatamente contra o extermínio irracional de tudo do povo fraco e vencido dirige-se a prescrição em 20,19-20. Esta visa humanizar o mais possível a guerra ofensiva. Por isso, proíbe o abate das árvores frutíferas da cidade sitiada. Esta vive dos frutos das árvores e da plantação da terra. Ela, contudo, apenas permite o abate de árvores não frutíferas e só quando houver necessidade do uso de sua madeira. Portanto, o texto 20,19-20 revela uma grande sensibilidade pela proteção da natureza, pois ela é vital para a sobrevivência do ser humano e da biodiversidade. A perícopie, 20,19-20, quer definitivamente erradicar o vandalismo bélico do exército israelita que, uma vez, praticou contra os moabitas: *Destruíram as cidades, cada um lançou uma pedra em todos os melhores campos para os cobrir; taparam todas as nascentes e cortaram todas as árvores frutíferas* (2Rs 3,25)⁹. Este texto revela que o exército israelita também praticou o barbarismo e o vandalismo nas suas guerras contra pessoas e povos fracos e vencidos.

Conclusão

A leitura atenta do livro do Deuteronômio revela que o tema da ecologia não é central neste livro. No entanto, os textos, que se referem a ela, salientam que qualquer agressão à ecologia põe em perigo a sobrevivência do planeta Terra e da humanidade.

Outra conclusão refere-se ao método e à estratégia de exagerar nas afirmações. No caso das maldições em Dt 28,20-68, seu redator tem em vista mostrar claramente uma situação periclitante para todos os e todas as israelitas quando

9. BRAULIK. Op. cit., p. 151.

eles e elas não seguirem única e fielmente o Deus *Iahweh*, o Criador de tudo e o Libertador e não viverem segundo os seus mandamentos e suas leis. O exagero da afirmação, apontando para a gravidade das maldições, visa o bem da população israelita e quer evitar um mal maior. O redator das maldições tem em mente mostrar a todos os israelitas quão fundamental e decisivo é o seguimento único e exclusivo de *Iahweh* e como é desastroso e mortal para eles abandoná-lo.

Bibliografia

- BRAULIK, Georg. *Deuteronomium II, 16,18-34,12*. Wuerzburg: Echter Verlag, 1992.
- BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal "Verbum Domini"*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- STEYMANS, Hans Ulrich. Eine assyrische Vorlage für Deuteronomium 28,20-44. In: BRAULIK, Georg. (org.), *Bundesdokument und Gesetz: Studien zum Deuteronomium*, Freiburg; Basel; Wien; Barcelona; Rom; New York: Herder, 1995, p. 119-141.

Pedro Kramer
kramer_pedro@yahoo.com